

**PASSAGENS. POESIA, ARTES PLÁSTICAS
(ANTOLOGIA)**

JOANA MATOS FRIAS (SELEÇÃO)

Lisboa, Assírio & Alvim, 2016

271 páginas, ISBN 978-972-37-1915-4

Não foi nitidamente ao acaso nem sem razão que Joana Matos Frias escolheu para epígrafe do seu livro uma conhecida advertência em que Mário Cesariny de Vasconcelos aponta para a natureza intrinsecamente tendenciosa do trabalho de leitura, seleção e organização que subjaz à edição de uma antologia literária. A dificuldade da tarefa está, em grande medida, indexada ao escopo e à dimensão do universo de que uma antologia se apresenta como parte representativa, mas, no domínio da literatura (e das artes em geral), o ato de escolher textos nunca está isento de uma forte determinação canónica que coloca sobre os ombros do organizador uma pesada responsabilidade, alijada, de forma mais ou menos hábil, por mecanismos variavelmente ostensivos de legitimação do gesto seletivo e de *captatio benevolentiae* para as necessárias omissões e as eventuais (e sempre assumidamente injustas) remissões de autores e textos para as margens ou para as zonas mais sombrias do cânone. Com as palavras de Mário Cesariny de Vasconcelos, Joana Matos Frias coloca diante da sua antologia um escudo teórico (aliás, desnecessário) contra as inevitáveis amarguras do ofício. A colagem da ideia de paixão ao trabalho da escolha não só vinca a natureza pessoal e assinada do resultado

final, como também inscreve no *ethos* do organizador uma justificação prévia de todas as ausências ou presenças inesperadas, deixando o volume a salvo dos reparos a que estes empreendimentos dificilmente conseguem ficar imunes.

De qualquer modo, os critérios de seleção que a obra patenteia, o extremo cuidado com que a autora expõe ao leitor, no texto de apresentação, as linhas teóricas e historiográficas que orientaram o seu trabalho e, sobretudo, a abrangência, tão eclética quanto rigorosa, com que foram preenchidas, sem uma exaustividade que se tornaria contraproducente, as três zonas de sentido em que se desdobra o roteiro proposto garantem a esta antologia uma qualidade e um rigor crítico dignos de nota. A palavra *roteiro* reveste-se de uma importância seminal na configuração do livro, mais interessado em obedecer a uma “lógica espacial” do que a um “critério autoral” (pp. 13-14) no estabelecimento de um percurso pelas *passagens* entre a poesia e as artes plásticas de que a literatura portuguesa do século XX foi tão rica e de que a produção literária do século XXI continua a explorar o filão. Trata-se, aliás, de um terreno criativo muito fértil e que mantém muito ativa e pujante uma simbiose artística a que o modernismo e as suas derivas mais ou menos vanguardistas foram acrescentando, até hoje, novas vias de contacto, questionando, complexificando e levando às últimas consequências um legado de longínqua proveniência. E esta antologia inscreve-se abertamente nessa

memória literária ao escolher, para texto de portada, como resumo eloquente do programa desenhado no prefácio, o segundo segmento de “Acerca do escudo de Aquiles”, poema extraído de *As raízes diferentes*, uma coletânea de Fernando Guimarães em que a pulsão intertextual e mais especificamente efrástica se faz sentir de forma muito intensa. A questionação do tempo e da escrita poética (e do lugar dos homens nos resíduos que resultam do seu confronto no devir histórico, ou seja, perante a ideia de representação) lança o mote certo para um trabalho interessado em ser, acima de tudo, “problematizante” (p. 14).

Ao eleger como âmbito do seu livro “composições de (...) autores da poesia portuguesa dos séculos XX-XXI explicitamente vinculadas ao domínio das artes plásticas” (p. 9), Joana Matos Frias mostra-se consciente do caudal e da amplitude dos textos de que a sua antologia terá de dar conta, facultando ao leitor um acesso *ex ungue leonem* ao multifacetado e amplíssimo *corpus*, decorrente, também entre nós, do “alto grau de interatividade entre as artes” que, segundo Claus Clüver (“Estudos interartes: introdução crítica”, in Helena Buescu *et alii* (org.), *Floresta encantada. Novos caminhos da literatura comparada*, Lisboa, D. Quixote, 2001, p. 359), caracterizou a atividade estética nos últimos cem anos. As opções tomadas no sentido de dar fôlego e consistência ao conjunto de textos selecionados – que desde logo o distinguem como antologia e o colocam, por via de uma

muito bem assumida assinatura da autora, num nível de coesão global muito superior ao de um florilégio ilustrativo de uma tendência temática – revelam-se particularmente eficazes no domínio estrutural e o objeto impresso apostou (e bem) na exposição da ossatura crítica com que se consegue, ao mesmo tempo, dar solidez a um universo textual que facilmente poderia resultar num apanhado heteróclito e desgarrado de poemas colhidos a esmo e orientar o leitor para uma reflexão que se impõe como fundamental: o facto de a poesia moderna e contemporânea ter inscrito no diálogo interartístico feito no palco da escrita poética uma discussão viva e vivificante sobre o(s) sentido(s) da arte, uma questionação da atividade criadora enquanto processo e ainda uma indagação, tantas vezes sofrida e dolorosa, sobre o papel do artista na génese do objeto estético. E algumas destas opções merecem uma apreciação particular.

É o caso do feliz título *Passagens. Poesia, artes plásticas*. O emprego lapidar do nome *passagens* promete, desde logo, um entendimento dialógico e dinâmico dos processos de transporte de referentes, obras e nomes das artes plásticas para o universo da escrita. O leitor mais atento não deixará de ficar sensível ao fundo colorido que percorre a capa, a contracapa, a lombada e as badanas: a horizontalidade dos traços cromáticos reproduzidos evoca a cursividade da escrita e a presença de grafismos ténues sobrepostos à cor sugere a natureza transaccional do convívio estético para que

os textos selecionados visam despertar o leitor, propondo-lhe leituras em que a poesia e as artes plásticas se equivalem esteticamente, reinventando-se mutuamente e fecundando as capacidades expressivas de cada uma mediante a mobilização dos mecanismos e dos trunfos semióticos inerentes ao labor dos respectivos códigos e oficinas. É também significativa no subtítulo a ausência de ligação verbal entre os dois polos que estas *passagens* unem: a substituição da esperável copulativa por uma vírgula a estabelecer um circuito sintagmático entre “poesia” e “artes plásticas” opera um nivelamento estético entre as duas práticas estéticas, anulando desta forma qualquer associação do enunciado a uma leitura hegeliana, ou de algum modo hierarquizante, da relação entre os dois universos convocados. Aliás, logo no prefácio, Joana Matos Frias trata de se demarcar de todas as leituras que repousem na ideia romântica da supremacia estética da criação literária, partindo, sem prioridades pré-estabelecidas, para a escolha e a disposição estrutural dos poemas segundo parâmetros alheios à tão histórica quanto vazia “competição entre a expressão verbal e a expressão pictural” (p. 12) que durante tanto tempo minou o comparatismo *lato sensu*.

Um segundo – e importante – aspeto a destacar nesta antologia é o da sua organização interna. Propondo, à sombra de Henri Meschonnic, um percurso de leitura “visualmente orientad[o]” e interessado em recompor a experiência da visita museológica, a antologia de

Joana Matos Frias desenha um conjunto de espaços textuais entre os quais cabe ao leitor circular e traçar os fluxos que justificam o título. Atravessando momentos históricos, autores, referentes estéticos e meios de expressão diversificados, o leitor é convidado a explorar os diferentes planos em que a articulação entre a poesia e as artes plásticas se converte em *passagem*. O limiar cabe ao já citado poema de Fernando Guimarães, cuja tematização do ícone por excelência da *ecfrasis* que é o escudo de Aquiles delimita o referencial clássico em que o leitor se vai movimentar. Passa-se daqui a um primeiro grande compartimento, que recebe os textos mais ostensivamente relacionados com a lógica espacial da antologia, nomeadamente aqueles que abordam a ideia de museu, partindo dos que o fazem mais abstratamente para os que mobilizam a experiência concreta das grandes coleções. Tanto o poema de abertura como o poema de encerramento desta sequência (da autoria de Bernardo Soares e de Ana Hatherly, respetivamente) perspectivam o museu em função da presença do visitante (“contemplador” no primeiro caso, “leitor, no segundo) e da sua responsabilidade pela eficácia estética da interação com “o que lá está” (p. 23). De acordo com o poema de Ana Hatherly, o livro-museu exige-nos que se caminhe “por ele fora”, na descoberta das suas “enormes folhas”. A metáfora faz a transição adequada para a secção seguinte, naturalmente mais extensa, composta por poemas em que

a palavra refaz, aborda, reinventa ou de alguma forma *experimenta* a existência prévia da obra plástica, percorrendo um leque vasto, eclético e representativo de nomes da poesia dos séculos XX e XXI, onde figuram, lado a lado, autores consagrados, como Fernando Pessoa ou Carlos de Oliveira, e nomes da geração mais recente, como Vasco Gato, Nuno Rocha Morais e Rui Lage. A rota fecha-se com uma secção dedicada ao criador estético, sem cuja iniciativa e sem cuja sensibilidade a obra não aconteceria nem desafiaria o observador. Através de quatro poemas (da autoria de Alberto Pimenta, Fernando Echevarría, Armando Silva Carvalho e Fernando Lemos), Joana Matos Frias leva o leitor a uma importante indagação acerca da figura e da entidade do artista: a sequência dos poemas deixa no ar uma feliz indistinção entre o ofício do pintor e o trabalho do escritor e fecha com o texto de Fernando Lemos (autor em que se conjugam as duas expressões em jogo), para onde se convoca o vocabulário comum da poesia e da criação plástica: “movimentos”, “ritmos”, “atmosfera”. À saída, a antologia acentua o seu intuito questionador e interpelativo com um tríptico de textos de Herberto Helder, Gonçalo M. Tavares e, mais uma vez, Ana Hatherly, nos quais se ensaia de forma mais exposta a articulação entre a escrita e a pintura já vislumbrada na secção anterior. “Podendo servir de posfácio” (p. 233), estes três poemas abordam, por uma via metatextual, quase puramente teórica, os nexos

explorados pelo conjunto da antologia, propondo uma leitura confluyente das duas expressões artísticas que o livro ilumina. Se os textos de Herberto Helder (o celeberrimo “Teoria das cores”, de *Os passos em volta*) e de Gonçalo M. Tavares dialogam abertamente entre si a propósito da ideia de representação, cabendo ao segundo complexificar a discussão em torno da capacidade transformativa da arte ao confundir os termos que habitualmente indexamos a cada uma das duas formas de criação, “Tisana 459”, de Ana Hatherly, fecha o debate com uma proposta de simbiose que é, afinal, o grande argumento lógico que suporta a estrutura e a pragmática do livro: a arte congrega todos “os que perguntam”, os que nos fornecem “simulacros” e “improbabilidades”, os que, no fundo, nos revelam o “invisível” (p. 237).

Esta sequência final glosa uma epígrafe de Julio Cortázar que reprova a utilização turística do museu, negando valor à visita que esgota o espaço sem verdadeiramente o abarcar, sem nele realizar as escolhas próprias de uma travessia pessoal pelas obras. Esta epígrafe prolonga o espírito crítico e reflexivo com que a antologia é construída, atenta ao complexo processo de receção das obras de arte (poéticas ou plásticas) tanto como ao igualmente denso processo da sua produção. As palavras de Cortázar replicam, no campo do recetor, a dificuldade e a indefinição que se colocam aos criadores, segundo as epígrafes de Frank O’Hara e Ana

Hatherly que encimam o prefácio. Na incerta fronteira que separa o trabalho do pintor do trabalho do poeta (coincidentes, como propõe Hatherly, ou inconfundíveis, como afirma O'Hara) desenha-se o espaço estético que é ocupado pelo desígnio e pelo protocolo que regem a antologia: servir de mapa para um excuro, tão leve quanto representativo, pelos caminhos feitos pela poesia portuguesa dos séculos XX e XXI a partir de e ao lado das artes plásticas. *Mutatis mutandis*, o volume de Joana Matos Frias encontra, noutro fértil campo dialógico, o da música e das artes plásticas, um objeto equivalente à proposta que faz ao leitor: na sua sugestão de movimento e deslocação pessoal pelo espaço imaginado de um museu de que a poesia fornece as coordenadas para uma experiência estética, a antologia parece arquitetada à imagem da célebre suite *Tableaux d'une exposition* de Modest Mussorgsky. Entre quadros escolhidos de uma exposição, separados entre si por momentos recorrentes de contemplação intitulados "Promenades", o visitante vagueia e reflete, pensa e dá a si mesmo o tempo de fruir e reagir às obras, problematizando-as e recriando-as como intérprete. Também a antologia de Joana Matos Frias, ao funcionar mais como roteiro do que como compilação, propõe uma leitura narrativa do seu conteúdo, ao sugerir um passeio por um museu multifacetado de poesia com artes plásticas, no qual nenhuma dimensão importante da sua criação, existência e receção é deixada

de fora.

A terminar, uma nota breve acerca de um aspeto prático que é de sublinhar no livro: os utilíssimos índices de poetas e de artistas plásticos que facultam ao leitor dados sobre a proveniência dos poemas e sobre a articulação entre os criadores literários e das artes plásticas, com os quais é possível aprofundar as linhas propostas pela antologista e fazer investidas mais amplas no universo literário de que este volume se constitui, justificadamente, como amostra não exaustiva, crítica e equilibrada.

Rui Manuel Afonso Mateus

O LUGAR DA TEORIA LITERÁRIA.

ANDRÉ CECHINEL (ORG.).

Florianópolis: EdUFSC; Criciúma:

Ediunesco, 2016.

439 páginas, ISBN 978-85-328-0752-6

O livro em apreço, publicado em 2016, sob a organização de André Cechinel, professor pesquisador da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil, apresenta vinte ensaios, distribuídos por seis seções temáticas, a saber: "Fim da Teoria", "Estado da Teoria", "Lugares da Teoria", "Literatura pós-Teoria", "Poesia, corpo, psicanálise" e "Literatura e ensino". No conjunto, conforme observa o organizador em sua apresentação à obra, os ensaios têm como proposta debater sobre "(...) os impasses que pairam sobre a teoria literária e o lugar ocupado pela disciplina